



## **É na feira que agroecologia, cultura popular, economia solidária e memória se encontram: a experiência da Feira Viva em Silva Jardim (RJ)**

Bernardo Xavier dos Santos Santiago<sup>1</sup>; Carlos Augusto da Conceição Junior; Mylena da Silva Domingues<sup>2</sup>; Paula Cerruti Costa; Rayssa Maria Reis Freire<sup>3</sup>; Tadzia de Oliva Maya<sup>4</sup>.

<sup>1</sup>bernardoo.xavier@gmail.com; <sup>2</sup>mydomingues@gmail.com; <sup>3</sup>raysssmariareis@gmail.com);  
<sup>4</sup>tadziamay@gmail.com

### **Eixo Temático: Cultura Popular, Arte e Agroecologia;**

#### **Apresentação**

A Feira Viva é um coletivo autogestionado de jovens, produtores culturais, produtores rurais, pesquisadores e ativistas da cultura popular, que desenvolve ações culturais relacionadas à salvaguarda do patrimônio material e imaterial, de produtos da sociobiodiversidade, de personagens e populações fundamentais para a defesa dos territórios, de seus bens comuns e das suas tradições orais e agrárias. Somos uma das experiências da Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro, à medida que nas feiras que organizamos damos visibilidade e destaque aos agricultores e agricultoras familiares, seus modos de vida, seus conhecimentos e, claro, seus produtos e alimentos, difundindo conceitos e práticas agroecológicas, além de participarmos das reuniões, vivências, cursos e eventos da rede de Agroecologia da região e do Encontro Nacional de Agroecologia (ENA), ocorrido em Belo Horizonte, em 2018.

Dizemos que a Feira Viva é um verdadeiro grito de “viva!” para o nosso patrimônio material e imaterial. Nosso objetivo é ocupar espaços públicos, como praças e ruas, a fim de oferecer um palco para as manifestações artístico-culturais das redondezas, apoiando as condições de permanência destes bens culturais enquanto práticas vivenciadas, vividas e vivas. Por isso, a Feira Viva é ao mesmo tempo uma feira de rua com venda de produtos agroecológicos, artesanatos, culinária e produtos rurais de um modo geral, mas também é uma experiência contínua de valorização das histórias e das manifestações culturais, como por exemplo o Mineiro Pau, associação que tem mais de 70 anos de atividade na cidade.

Desde sua criação, em 2015, O grupo é autogestionado e não está ligado a nenhuma Ong, Governo, empresa ou universidade e, por este motivo, decidimos nos inscrever na categoria de relato popular, por acreditarmos que é isso que somos: uma experiência de cultura popular e agroecologia.

#### **Contextualização da experiência**



A Feira Viva está localizada no município de Silva Jardim, região das Baixadas Litorâneas do Rio de Janeiro, sendo realizada sempre nas ruas, nas praças, de forma gratuita na configuração de uma feira de rua, com duração de um dia inteiro até à noite, com barraquinhas de comida, produtos agroecológicos, além de shows, teatro, dança, literatura e oficinas diversas. Em cada edição da Feira Viva também homenageia-se um ou mais personagens que contribuem para a manutenção da Memória do município, ou porque prestam algum serviço fundamental para o mesmo.

A experiência foi iniciada, em 2015, por um grupo de jovens da cidade insatisfeitos com a falta de atividades culturais ligadas à Memória e ao território como espaço de resistência, de saberes e de fazeres que mereciam ser valorizados. Este grupo tem uma grande quantidade de universitários, de jovens ainda no ensino médio e jovens que saíram das universidades, muitos desempregados ou subempregados. A cidade tem pouco mais de 20 mil habitantes, com forte tradição agrária e expressiva população negra. Uma estimativa da Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Rio de Janeiro publicada no jornal O Globo em 25 de setembro de 2011 mostra Silva Jardim como a segunda cidade do estado do Rio de Janeiro com maior número de pessoas na extrema pobreza. E, por estarmos inseridos em um contexto de vulnerabilidade social, encaramos a Feira Viva como prática de resistência cultural aliada à economia solidária e de geração de renda entre as camadas populares da sociedade.

### **Desenvolvimento da experiência**

A experiência já realizou 5 edições de Feiras Vivas propriamente ditas, como feira de rua ao longo do dia com comercialização e trocas. A primeira impulsionou todo processo a partir da homenagem à um artista esquecido da cidade, Chico Tabibuia (##somosmuitoschicosechicas), a segunda sistematizou parte da memória das parteiras, a terceira deu destaque à história e trajetória do Mineiro Pau, a quarta mapeou e mobilizou artesãos e artesãs extrativistas tradicionais e seus modos de vida e, finalmente, a quinta, em dezembro de 2018, trazendo a atividade dos catadores e catadoras de material reciclável para agenda pública da cidade e entornos.

Além disso, a Feira já realizou uma vivência chamada Feira Viva de Ideias, uma imersão de 3 dias, onde os integrantes discutiram as bases teóricas e filosóficas do coletivo, incluindo aí a Agroecologia. Também realizamos oficinas de cestaria e peneira, fruto de um prêmio da Semana do Patrimônio Fluminense.

A participação é sobretudo de jovens e há muitas mulheres também, tanto no coletivo organizador da Feira Viva, quanto nas barracas de expositoras, com artesãs, agricultoras e produtoras rurais. A experiência envolve aproximadamente 30 jovens no grupo gestor e outras 50 pessoas nos dias da feira, entre expositores de comida, produtos in natura e artesanato, além dos músicos e artistas que se apresentam.



À esquerda: Vista geral da  
III Feira Viva



**Figura 1.** (esquerda alto): Agricultoras familiares preparam o Almoço Agroecológico para evento do coletivo. **Figura 2.** (esquerda embaixo): agricultor e viveirista expõe durante a Feira Viva. **Figura 3.** (direita alto): oficina de balaio e peneira com mestres da cultura local e **Figura 4.** (direita embaixo): reunião ampliada do coletivo para preparação da V Feira Viva, em dezembro de 2018.



## **Desafios**

Um grande desafio para manter a periodicidade é a falta de políticas públicas que incentivam e financiam eventos como os da Feira Viva, sem cobrança de ingressos e sem objetivo de lucro. Identificamos também a falta de oportunidades e emprego para os jovens da cidade, que acabam saindo de Silva Jardim para estudar ou trabalhar na capital (Rio de Janeiro) ou em outras cidades vizinhas e não podem mais participar assiduamente do coletivo, irem às reuniões, etc.

Uma das maneiras encontradas para superar os problemas econômicos foi a inscrição do grupo em editais do Governo Federal e também, desde o início, a venda de produtos coletivos nas edições da Feira Viva, como bolsas e camisetas com a logomarca da Feira e, por fim, o financiamento colaborativo feito pela internet, numa plataforma chamada Vakinha. Com estas iniciativas foi possível realizar edições da feira a partir de um caixa zerado.

## **Principais resultados alcançados**

O resultado mais visível e mensurável das Feiras Vivas foi a criação da Associação de artesãs e artesãos de Silva Jardim - a Associarte - com mais de 50 produtores e produtoras de artes que se conheceram e se articularam por conta da exposição nas Feiras Vivas, segundo relato das próprias artesãs. Outro resultado marcante foi a volta da dinâmica dos encontros do grupo de Mineiro Pau de Silva Jardim, já praticamente no esquecimento, contribuindo para seu fortalecimento e divulgação. O grupo não se encontrava há mais de 7 anos para uma apresentação pública com ensaios marcados e tantos integrantes se apresentando.

Ainda dentro dos resultados relacionados à cultura popular local, está a participação de membros do coletivo na Comissão para construção do Plano Municipal de Cultura, em julho de 2017, realizando uma Feira Viva paralela à II Conferência Municipal de Cultura da cidade. O coletivo da Feira Viva incluiu no Plano - aprovado pela Câmara Municipal em 2018 - a Agroecologia como parte do planejamento para ações culturais da cidade em uma Lei.

Junto com o desenvolvimento do projeto da Feira em si, desenvolveram-se parcerias importantes com Pontos de Cultura, com a Articulação Estadual de Agroecologia, que começou com oficinas durante as feiras e com o contato do coletivo com alguns dos produtores agroecológicos da região, mas que depois acabou sendo uma das experiências mapeadas e integrantes do mapa de experiências da Articulação Serramar de Agroecologia, como mencionado na introdução deste relato de experiência.

A Feira Viva realizou um evento interno de avaliação e planejamento, em janeiro de 2018, chamado Feira Viva de Ideias, onde convidou uma família de agricultores



assentados da região para promover um Almoço Agroecológico. Na última edição da Feira Viva, em dezembro de 2018, também foi realizado um Almoço Agroecológico servido em praça pública para a população. A experiência do Almoço Agroecológico também faz parte da Articulação de Agroecologia Serramar, na qual os agricultores e agricultoras familiares produzem refeições com alimentos de suas roças para serem comercializados em diferentes eventos relacionados à Agroecologia. Além de se constituir em uma estratégia de comercialização para as famílias agricultoras que participam dessa experiência, o “Almoço Agroecológico” também se configura em uma potente ferramenta de comunicação popular que promove a interação com o público tendo a “comida” como mediadora.

O resultado ambiental em curso, ainda não consolidado, diz respeito ao acúmulo de consciência e articulação dos sujeitos envolvidos (na organização, pesquisa, exposição ou circulação) dando publicidade a processos de necessária integração sociedade e natureza. Ao dispor de ferramentas da comunicação, a Feira Viva produz encontros entre produtores agroecológicos e consumidores, catadores e catadoras de recicláveis com quem processa a coleta seletiva em seu cotidiano, explicita conflitos entre práticas tradicionais e a destruição de seus ambientes de (re)produção pelos grandes proprietários de terra. Em que pese não ser possível - ainda - quantificar esse resultado, a diversidade de cotidianos e pautas experimentadas nas redes que se ampliam nas edições da Feira Viva tem propiciado um novo entendimento, na cidade, de agendas socioambientais comuns. Assim como escrito na Carta Política do ENA, de 2018, Pensar a Cultura na Agroecologia é repensar nossa história e a perspectiva dos agricultores, populações tradicionais e excluídas, onde “as expressões das práticas culturais cotidianas dos povos e nos apontam modos distintos de viver e de se relacionar com os lugares e com as pessoas.”

### **Disseminação da experiência**

A experiência da Feira Viva, realizada até então no centro da cidade, foi multiplicada em parceria com a Associação de Moradores de Aldeia Velha e com o Ponto de Cultura Caipira, para o distrito rural de Aldeia Velha. Ela pode ser recomendada para outras organizações, agricultores, agricultoras, como prática de comercialização atrelada a uma discussão social com atrativos culturais. Entendemos que essa junção de temas sob a ótica dos bens comuns e como estratégia maior para o bem viver, pode ser multiplicada, pois tem boa aceitação do público, mexem com o imaginário das pessoas e, além de tudo, trazem renda para as famílias. Na Jornada de Reforma Agrária e Universidade (JURA), realizada em Rio das Ostras, em 2018, na Universidade Federal Fluminense, integrantes da Feira Viva foram convidados para apresentar aos agricultores e agricultoras a metodologia da Feira como espaço de visibilidade não só para seus produtos mas também para suas histórias e lutas.

### **Conclusões**

**XI CBA**  
**Congresso**  
**Brasileiro de**  
**Agroecologia**  
Ecologia de Saberes:  
Ciência, Cultura e Arte nos  
Sistemas Agroalimentares



Concluimos que a Feira Viva tem sido uma experiência mobilizadora dos jovens e ativistas culturais da cidade e da região vizinha, sendo porta de entrada de muitos para o movimento agroecológico, por conviverem com os agricultores e agricultoras familiares, acompanhando conceitos e práticas da agroecologia como soberania alimentar, justiça no campo, questão de gênero, comida de verdade, entre outros. Concluimos também que apesar dos desafios econômicos para a manutenção da feira com periodicidade, a simples existência da experiência tem fomentado a junção da exposição de produtos com as questões culturais, por trazer sempre um tema, histórias e personagens para o centro da Feira, como questão social e não só comercial. Por fim, acreditamos que trabalhar a Feira Viva provou ser possível trabalhar a arte e a cultura como dimensões estruturadoras da reflexão e divulgação das experiências agroecológicas